



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Camilo Castelo Branco

*Purgatório e Paraíso*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Purgatório e Paraíso*  
Camilo Castelo Branco

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1857.

Livro Digital nº 436 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco**  
**(1825—1890)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# *PURGATÓRIO E PARAÍSO*

## DRAMA EM TRÊS ATOS



*Ao meu amigo  
Antônio Ferreira Girão  
Ofereço  
Este Ensaio Dramático.*

### **PERSONAGENS:**

D. EMÍLIA DE SÁ (38 anos)

LÚISA AMÉLIA (19 anos)

ALFREDO DE TOVAR (19 anos)

BERNARDO DE MASCARENHAS (40 anos)

JORGE DE SÁ (de 20 a 25 anos)

CONSELHEIRO NÓBREGA (meia idade)

BARÃO DE VILA MARIM (meia idade)

FRANCISCO DE SÁ (meia idade)

O PRIOR DE BENFICA

MÉDICO

ALFAIATE

BOLEEIRO

DOIS CRIADOS

*São cenas da atualidade, passadas em Lisboa e Benfica.*

## ATO I

*Casa não luxuosa; mas graciosamente ornada. Portas ao fundo, e lados.*

### CENA I

*Jorge de Sá e depois um criado.*

JORGE

Hoje é um dos tais dias aziagos. Os meus credores combinam-se. Quando vem um, vêm todos. Eu adotei o sistema de todo o caloteiro insigne e ilustrado: recebo os credores com tanta delicadeza, e despeço-os com educação tão fina, que todos se retiram, como de todos os bailes... penhorados das atenções do dono da casa, que muitas vezes não é dono de casa nenhuma, como eu. Abra-se a sessão. O Brás!

CRIADO

Meu senhor.

JORGE

Que importunos são esses que me querem falar?

CRIADO

Vossa senhoria sabe... Acho que são... aqueles homens de Lisboa...

JORGE

Conheces quem são?

CRIADO

Ora, se conheço! Há seis meses a vê-los todas as semanas duas vezes...

JORGE

Minha tia já saiu do quarto?

CRIADO

Não, meu senhor.

JORGE  
E Luísa?

CRIADO  
A menina anda a passear na quinta desde o nascer do sol.

JORGE  
Esses homens que entrem. Quantos são?

CRIADO  
Por ora são só quatro; os outros costumam vir depois de jantar.

JORGE  
Que entre cada um por sua vez sem distinção de sexo nem idade. (*O criado sai*)

## CENA II

JORGE (*só*)  
O credor é o verdugo do homem de bem; é a espada de Dâmocles; é o terror da juventude esperançosa; é o espectro do rei da Escócia; é a sombra de Nino; é o Lúcifer despenhado no inferno... dos devedores insolúveis; é, finalmente, um homem contra o qual se pode recitar um comprido monólogo sem enfasiar a plateia, porque não há plateia em que o credor não esteja em deplorável minoria. Eu estudo — sem ser subsidiado pelo governo — o modo de arrancar do seio social este cancro, chamado o credor; porque o credor é um vampiro, é um animal mestiço, filho de raposa e mocho; velhaco como a mãe, e esperto de olho como o pai, que até de noite vê. O credor, enfim, é... (*Vendo o alfaiate à porta do fundo*) é o alfaiate!

## CENA III

*Jorge e o alfaiate.*

ALFAIATE

Dá licença, senhor Jorge de Sá?

JORGE

Ó meu caro senhor! Sem a menor cerimônia... (*Trazendo-o pelo braço e indigitando-lhe o canapé*) Ali... o seu chapéu... tem a bondade de sentar-se, faz favor? Por quem é, senhor Trancoso... então?...

ALFAIATE

São só duas palavras...

JORGE

Queira sentar-se... O meu amigo, sempre indulgente com as minhas faltas, não se cansa de fazer justiça à causa involuntária que o traz ainda no desembolso de...

ALFAIATE

Réis, 120\$000... (*Querendo ler as parcelas*)

JORGE

Tem a bondade de não ler? Eu não duvido da sua retidão no valor dum ceutil... Pois, meu prezadíssimo amigo, têm-se dado algumas contrariedades monetárias na minha vida. Brevemente, porém, estarei de posse de uma fortuna, da qual o senhor Trancoso pode dispor como sua.

ALFAIATE

Muito obrigado... Eu não quero senão os meus cento e vinte mil réis, sendo possível hoje, porque...

JORGE

Essa quantia, meu amável cavalheiro, é um grão de areia no meu oceano de cabedal.

ALFAIATE

Pois o senhor Jorge negocia agora em cabedal?!

JORGE

Não me entendeu, senhor Trancoso. Queria dizer-lhe que estou em vésperas de fazer um casamento vantajosíssimo com a filha do barão de Vila Marim, e preparava-me para ir consultar o meu amigo sobre o melhor emprego que eu podia dar aos meus capitais, aventurando-os em empresas industriosas, de boa harmonia com as modernas ideias de economia social. O meu amigo poderá dizer-me...

ALFAIATE

Nada... não posso dizer nada, porque, a falar a verdade, não o entendi bem... Parece-me que vossa senhoria disse que queria fazer economias, e eu acho isso muito acertado, depois que se paga a quem se deve.

JORGE

É esse o meu pensamento dominante, senhor Trancoso; e, entre os meus insignificantes débitos, será o seu o primeiro. Entretanto, espero continuar a merecer a sua confiança, mandando-me preparar um casaca azul com botões amarelos, outra verde com botões brancos, um pio-nono anelado com alamares cor de limão, e um fato campestre duma meia caxemira cor de azeitona de Sevilha, adicionando a nova verba à conta velha, que lhe será mui lucrativamente paga. É servido de lanchar comigo? Quer dar-me o prazer de respirar o ar puro e balsâmico do meu jardim? Quer ver as prodigiosas melancias que eu tenho? Eu chamo o escudeiro...

ALFAIATE

Não, senhor, eu tenho que fazer... será noutra ocasião. Então diz-me vossa senhoria...

JORGE

Que no prazo improrrogável dum mês está o mestre Trancoso embolsado de... 240\$000 réis...

ALFAIATE

Cento e vinte mil réis...

JORGE

Bagatela a diferença... e amanhã irei provar as encomendas que fiz.

ALFAIATE

Passe vossa senhoria muito bem até amanhã.

JORGE (*com entusiasmo, abraçando-o*)

Meu nobre amigo! os devedores honram-se quando os seus credores são assim ilustrados e benévolos. (*Acompanha-o à porta, trejeitando cortesias*) Brás, acompanha este senhor!

#### CENA IV

*Jorge e depois o boleeiro.*

JORGE

A delicadeza inventou-se para humanizar estes bichos. O devedor delicado e de fino trato tem sempre à sua disposição uma moeda, que, se não amortiza a dívida, convida sempre os credores a uma suave moratória. O dinheiro inventou-se para contrabalançar a grosseria do homem estúpido. O homem delicado é como os meninos de Esparta: vivem à custa do Estado.

BOLEEIRO

Ora viva, patrão.

JORGE

Olá, José Ruço, como vais tu? A parelha baia ainda se leva à maravilha?

BOLEEIRO

Estamos todos bons, patrão, louvado Deus, para o servir; mas de chelpa vamos mal. Faz favor de acabar com isto. (*Tirando a conta*) Trinta e dois aluguéis de Benfica a Carnaxide, a Sintra, e a Lisboa, ida e vinda, soma... soma...

JORGE

Senta-te, rapaz.

BOLEEIRO

Estou bem, meu amo, quero crescer; farto de estar sentado à espera, desde as seis horas, estou eu... Soma 51\$400 réis. Palavra que não vou daqui sem o meu dinheiro. Isto já passa de caçoada. Hoje, ou vossa senhoria me paga, ou eu vou pedir a sua mãe, ou tia, ou que diabo é, que me pague, senão mando-lhe a casa o meirinho.

JORGE

Fala baixo.

BOLEEIRO

Contos não encham, meu amiguinho. Se quer que eu me vá embora, pague-me; meu amo põe-me hoje na rua, se lhe não levar o dinheiro, e não me dá as soldadas.

JORGE

Pois vai-te embora, que eu lá levo de tarde o teu dinheiro.

BOLEEIRO

Não ando, o senhor diz-me sempre isso. Isto já cheira a calote!

JORGE

És um vil canalha! Sai já daqui, senão mando-te dar reboque com uma tranca.

BOLEEIRO

Ó patrão! Venha de lá essa tranca: quero ver como se paga com uma tranca a quem pede o seu dinheiro. Ande lá, meu amo, pegue lá na tranca!...

## CENA V

*Os mesmos e Alfredo de Tovar.*

ALFREDO DE TOVAR

Que bulha é esta?!

JORGE

O Alfredo, como estás? Não é nada... *(Para o boleiro)* Vai-te embora.

BOLEIRO

Já disse: pague-me, se quer que eu vá.

ALFREDO *(ao boleiro)*

Dá cá essa conta. *(Vê, e está tirando do porte-monnaie dinheiro)*

## CENA VI

*D. Emília de Sá e os mesmos.*

D. EMÍLIA *(obstando a que Alfredo pague)*

Senhor Tovar, tenha a bondade de retirar o serviço a meu sobrinho; mas a delicadeza sou eu que lha agradeço. *(Ao boleiro)* Homem, espere no pátio... lá se manda pagar a sua conta; e diga a esses homens que lá estão, que esperem. *(O boleiro sai)* Jorge, tu envergonhas-me. Já não sei como hei de mostrar-te o desgosto que me faz a tua companhia. Estas quantias, que pago, já as não dou para salvar a tua honra; é para salvar a minha. Desculpe-me, senhor Alfredo. A sua familiaridade nesta casa consente-me este desafogo; e a nobreza com que quis poupar o seu amigo à última vergonha de espancar um credor, faz-me cada vez mais prezadas as suas excelentes qualidades. Dê-me licença. *(Sai)*

## CENA VII

*Alfredo e Jorge.*

ALFREDO

Tua tia tem razão, Jorge.

JORGE

Nos elogios que te fez? Que modéstia!

ALFREDO

Não: na repreensão que deu às tuas dissipações. Não gastes tanto, meu amigo. Despende o que tiveres. Podes estar sempre no agrado desta excelente senhora, e viver com as regalias que poucos rapazes têm.

JORGE

Pois não! ótimas regalias... Tenho para aí um gig velho e um cavalo espravonado, com meia dúzia de moedas mensais para extraordinários... É realmente de apetite esta fortuna!

ALFREDO

E eu que sou filho de um milionário não tenho cavalo nem carro. Qual das nossas posições é a mais brilhante?

JORGE

Eu sei cá! Tu tens um futuro, e eu já perdi as esperanças de ser herdeiro de minha tia.

ALFREDO

Procede com mais tino, e serás herdeiro de tua tia.

JORGE

Qual herdeiro! Os bens dela quem os herda é Luísa.

ALFREDO

Não creio... Luísa é uma simples afilhada de tua tia...

JORGE

Deixa ser! mas tem sabido insinuar-se na sua estima com tal hipocrisia...

ALFREDO

Hipocrisia, não, Jorge! Isso é injuriar a sinceridade de Luísa. Não sejas injusto com a tua amiga...

JORGE (*rindo*)

Minha amiga! Porque não dizes antes: “Não sejas injusto com a minha amante?”

ALFREDO

Eu não me ofendo, glorio-me até com essa correção irônica... Oxalá que não te enganes, e que o título com que me lisonjeias, ela mo dê também. Sabes de mais o que eu sei de mim, e não quero, nem posso negar-te que amo Luísa como se ama uma irmã muito querida... Não somos rivais, não, Jorge?

JORGE

Ora essa!...

ALFREDO

Quando me apresentaste à senhora D. Emília, perguntei-te se Luísa te era indiferente... Parecia-me impossível que o fosse... Respondeste-me que era.

JORGE

E é, e será... eu não desço tanto...

ALFREDO (*sorrindo*)

Não desces tanto.... É muito orgulho, meu amigo... penso eu... Depois de algumas visitas, em que passei da cerimônia à familiaridade, disse-te que amava Luísa, e me dava por bem pago do meu amor.

JORGE

E daí?

ALFREDO

Daí... seria hoje um capricho louco desdizer-me, e é da tua parte pouca delicadeza caluniar a pobre menina que nos estima a ambos.

JORGE (*com seriedade cômica*)

Tu pareces um provinciano! Que ares de amante idiota! Luísa, pelo que vejo, é impecável!... Sabes tu o que me pareces?... Aquele Molière sempre era um grande pintor!...

ALFREDO

Molière pintou Sganarello, Scapin, Orgon, Jorge Dandin, Pourceaugnac, e...

JORGE

Et caetera.

ALFREDO (*sorrindo*)

E Tartufo... que sou eu, não é assim, meu caro Jorge?

JORGE

Vamos lá, vamos lá... todos temos um bocado da tal honrada personagem!

ALFREDO

Agradeço-te o meu quinhão, amigo; mas... hipócrita e lorpa provinciano, ao mesmo tempo, é de mais: não posso pagar os direitos de ambas as mercês...

JORGE

Esse ar de chufa requentada parece-me assim de homem que (*faz menção de farejar*) cheira a dinheiro! Os teus futuros quatrocentos contos têm uma ação retroativa... Falta-te um abdômen proeminente para te ir ao pintar a gravidade pedantesca...

ALFREDO (*sorrindo*)

Aqui estou eu debaixo do teu ridículo! Desafoga, meu amigo, deixa expandir-se livremente o gênio da sátira que te há dado mais vítimas do que amigos... Não me poupes...

JORGE

Isto é graça!... (*abraça-o*) sempre amigos! Sabes que mais? Vou matar codornizes no restolho. Tu cá tens quem te entretenha... Aí vem Luisinha.

## CENA VIII

*Luísa e os mesmos.*

LUÍSA (*a Alfredo*)

Estava aqui, e eu só soube agora? Passou bem? (*A Jorge*) E o meu amiguinho como está? Ainda hoje não falamos...

JORGE

A menina tem andado no bosque a conversar com os rouxinóis, e eu tenho cá estado em casa a conversar com uns melros de bico revolto...

LUÍSA

Com uns?... (*A Alfredo*) Ele que disse?

JORGE

Pois a Luisinha não ouviu a algazarra?

LUÍSA

Não, eu não ouvi algazarra nenhuma. Que foi?

ALFREDO

Nada, minha senhora. Jorge está de belo humor!...

JORGE

Até logo. Vou à caça.

LUÍSA

Venha cá: deixe-se estar... O seu amigo não vai?

JORGE

O meu amigo não gosta de caçar codornizes... O gênero de altanaria é outro... Até logo. (*Sai*)

## CENA IX

*Luísa e Alfredo.*

LUÍSA

Que diz ele?!

ALFREDO

Nada que mereça explicação.

LUÍSA

Eu entendi-o.

ALFREDO

Pior, minha querida Luísa. Eu quisera antes que certas expressões, ou a intenção delas, te achassem sempre ignorante.

LUÍSA

Sabes que eu estou sofrendo muito, meu amigo?...

ALFREDO

Que é? Não te consinto um segredo.

LUÍSA

Este homem faz-me um grande mal.

ALFREDO

Jorge?... De que maneira?

LUÍSA

Eu não lho mereço. Estou sempre pedindo à madrinha que lhe dê dinheiro, que o não repreenda, que o não expulse de casa; e ele,

depois de me ter intrigado, perdoando-lhe eu sempre... e sabendo que eu te quero tanto...

ALFREDO

Diz... a tua suspensão aflige-me.

LUÍSA

Teve a indiscrição, ou talvez ruindade de dizer que me amava, desde que me viu, e tinha direitos ao meu amor...

ALFREDO

Ele!... Jorge!... É pois certo que não tem uma qualidade boa!...

LUÍSA

Não lhe digas nada, não?

ALFREDO

Não mo recomendes... E depois há mais algum motivo de sofrimento?

LUÍSA

Lança-me em rosto a minha hipocrisia. Diz que sou uma astuciosa, que estou vendendo a minha madrinha os afagos, que dissimulo... Isto chega ao coração, Alfredo... Deus sabe que lhe tenho pedido a morte antes que minha madrinha me falte...

ALFREDO

Não peças, filha, que me tens a mim no mundo.

LUÍSA

Tenho, e é uma consolação saber que sofres comigo; porém... Não vá vir a madrinha (*escuta à porta lateral*)... que te disse eu, Alfredo?

ALFREDO

Disseste que me tinhas como irmão no sofrimento...

LUÍSA

E a realização do nosso querido futuro?... Essa... não espero...

ALFREDO

Por quê?!

LUÍSA

Teu pai é um homem muito nobre, e muito rico, e eu sou uma órfã, sou pobre, nem ao menos sei o nome de meus pais...

ALFREDO

Criança! que tem a riqueza e fidalguia de meu pai com o meu coração? Não te tenho eu dito que a minha felicidade não me dará o dinheiro? Não me tens visto invejar a sorte dos operários nesta quinta? Não vês que estou tão afastado dessa roda onde o dinheiro é recomendação? Homem que assim pensa será capaz de sacrificar-se moralmente a ambições dum pai, por mais respeitável que a sua vontade seja? Eu queria desenganar-te, Luísa, e... hei de desenganar-te...

LUÍSA

Como, Alfredo?! Eu não temo enganos teus...

ALFREDO

Hei de obrigar-te suavemente a fazer justiça inteira à independência de algumas almas...

## CENA X

*Os mesmos e o criado.*

CRIADO

Está na sala de espera um senhor que pretende falar à senhora D. Emília.

LUÍSA

Dê-lhe parte. (*O criado sai*) Vamos à quinta, Alfredo. Deixemos esta sala à minha madrinha.

CRIADO (*fora*)

Faz favor de entrar, que a senhora vem já.

## CENA XI

*Barão de Vila Marim e depois D. Emília.*

BARÃO (*examinando*)

O aparato não me cheira à tal fortuna... Veremos o que daqui sai... isto é uma casa de quinta... enfim... pode ser. (*Para D. Emília que vem entrando*) Minha senhora, passasse muito bem... Eu tomei a liberdade de procurar a vossa excelência.

D. EMÍLIA

Não sei a quem tenho a honra de falar.

BARÃO

Eu sou o Barão de Vila Marim, criado de vossa excelência para a servir. (*Ligeiro cumprimento de D. Emília*) Creio que não me conhece.

D. EMÍLIA (*indicando-lhe o canapé*)

Não tenho o gosto.

BARÃO (*sentando-se*)

Pois, minha senhora, eu sou o Barão de Vila Marim, e tenho uma sofrível fortuna arranjada por meios lícitos, graças a Deus, e não como a de alguns meus colegas, que a arranjaram Deus sabe como, e eu também sei alguma coisa... Pois, enfim, minha senhora, eu tenho quatro filhas, e dois rapazes. As raparigas estão casadoiras, e eu, a falar a verdade, não sei guardar as mulheres, porque diz lá o ditado que nem o diabo as guarda. Pois, minha senhora, um destes dias, apareceu em minha casa um rapazote de cabriolé, bem arranjado, pedindo-me minha filha segunda, que é a Joanhinha, que já fez os seus dezoito. Eu disse ao tal noivo que queria saber quem era, e a fortuna que tinha, porque isto, bem sabe a senhora, que... está visto... a pequena tem trinta contos já, e o que casar com ela, se não

tiver mais, arranje-se lá como puder, mas há de ter outro tanto; sim, isto é claro, pois não acha?

D. EMÍLIA

Sim, senhor.

BARÃO

Pois é verdade. O tal moço, como eu lhe vinha contando, disse-me que era natural de Évora Cidade, onde tinha uma boa casa, e estava vivendo em Benfica na companhia de uma tia muito rica, que pelos modos é vossa excelência, de quem é herdeiro ele. Disse chamar-se Jorge de Sá Pignatelli Lencastre... e não sei que mais. Pois, minha senhora, é ao que eu vinha...

D. EMÍLIA

Ainda não sei ao que o senhor vem.

BARÃO

Venho saber se isto é verdade, com quanto dota vossa excelência o seu sobrinho, e quanto valerá esse morgadio que ele tem em Évora Cidade.

D. EMÍLIA

Responderei: meu sobrinho não é morgado, é filho segundo duma casa arruinada. Não o doto em vida, nem tenciono instituí-lo meu herdeiro. Creio que respondi.

BARÃO

Também me parece que sim... É o que eu queria saber... Então seu sobrinho é um troca-tintas?...

D. EMÍLIA

Pelo simples fato de ser meu sobrinho, lembro ao senhor barão de... de...

BARÃO

Barão de Vila Marim.

D. EMÍLIA

Lembro ao senhor barão de Vila Marim que é pouco cortês o nome que lhe dá. Preciso tratar do governo de minha casa; e então...  
(*Ergue-se*)

BARÃO (*erguendo-se*)

Em todo o caso fará o favor de lhe dizer que me não ande lá pela rua a fazer doida a cabeça da rapariga.

D. EMÍLIA

Se a cabeça de sua filha tiver o necessário juízo, não corre o risco da loucura; e eu creio que as filhas de vossa excelência hão de ser educadas com estremado melindre... senhor barão.

BARÃO (*saindo*)

Às suas ordens, minha senhora.

## CENA XII

*D. Emília e depois o criado.*

D. EMÍLIA (*tocando a campainha*)

Como hei de eu ver-me livre deste vexame continuado em que me tem este homem!... (*Ao criado que entra*) O senhor Jorge está em casa?

CRIADO

Saiu com a espingarda e com os cães, senhora.

D. EMÍLIA

E o senhor Alfredo Tovar onde está?

CRIADO

Andava agora com a menina no jardim. (*Reparando*) Ele aqui vem.

D. EMÍLIA

Retira-te, e não entre aqui alguém sem minha ordem.

## CENA XIII

*D. Emília e Alfredo Tovar.*

D. EMÍLIA

Mandava-o agora chamar, senhor Alfredo, para uma... para uma impertinência.

ALFREDO

Que poderá vossa excelência querer-me que me não seja muito agradável!

D. EMÍLIA

Começarei por fazer o elogio da minha afilhada. Não há coração mais bom, nem mais sincero. Tem a inocência que protege a fraqueza. Se há pecado no coração de Luísa, as ações puras de todos os dias estão-na sempre absolvendo. Não conhece ainda bem minha afilhada, senhor Tovar, para não achar suspeito este elogio.

ALFREDO

Eu conheço aquele anjo...

EMÍLIA

Se a conhece, há de amá-la muito.

ALFREDO

Senhora D. Emília, porque me não diz que sabe que eu a amo muito?

EMÍLIA

Ainda não disse tudo do elogio. Minha afilhada só tem para mim um segredo, mas, coitadinha, sabe tão pouco simular, que esse mesmo lhe adivinhei. Pensa que é do seu amor? Não é, senhor Tovar; esse contou-mo ela... a chorar, como quem chora uma esperança morta.

ALFREDO

Uma esperança morta! Que diz vossa excelência?! Eu inspiro desconfiança a alguém?!

D. EMÍLIA

Não antecipemos o fim desta nossa entrevista. Em louvor da minha afilhada, quero confiar-lhe o segredo que ela me esconde: é a dor de não ter apelido de pai ou mãe: julga-se uma enjeitada que a piedade perfilhou. Tem no fundo do coração a mágoa de não herdar de sua mãe ao menos a virtude, e de seu pai a honra. Ela já lhe falou nisto?

ALFREDO

Ligeiramente.

D. EMÍLIA

E Jorge?

ALFREDO

Esse...

D. EMÍLIA

Esse disse-lhe alguma invenção torpe...

ALFREDO (*vacilante*)

Não, minha senhora...

D. EMÍLIA

Disse-lhe que Luísa era uma exposta que eu levantei das lajes da rua.

ALFREDO

Se o dissesse, eu pedir-lhe-ia que cobrisse com a bandeira da misericórdia a desonra dos pais de Luísa, por amor de Deus e dela.

D. EMÍLIA (*perturbada*)

O senhor tem um nobre coração... Vou-lhe dizer o nascimento desta menina. Eu tive uma amiga que Deus me emprestou por poucos

anos. Amou até à cegueira. Galardoou com corpo e alma a desonra dum pérfido. Foi abandonada, quando o abandono excruciava duas vítimas ao mesmo tempo. Esse homem casou com outra. A minha amiga sobreviveu algumas horas ao deixar uma herdeira das suas lágrimas na terra. Jurei-lhe proteção à criancinha; fi-la minha; dei-lhe o coração que dera a sua mãe, e mandava-lhe todos os dias o meu coração ao céu para que a mãe a visse. Esta é a história de Luísa, senhor Tovar. Eu não vesti o meu conto com palavras tocantes. Quis reduzi-lo a poucas, para chegar depressa onde a impaciência de nós ambos nos chama. Luísa ama-o muito. Eu, sua segunda mãe, consultando a primeira, se o coração me fala por ela, não reprovoo semelhante amor. Quais intenções são as suas? Desculpe-me a grosseria da pergunta; mas eu falo com um mancebo que mereceu o amor da minha Luísa. Quero, neste instante, pertencer a uma sociedade onde as palavras não servem para desfigurar os pensamentos... Para que ama Luísa?

ALFREDO

Não lho disse ela, minha senhora?

D. EMÍLIA

Há coisas que o pudor não diz. A minha afilhada ainda não proferiu uma palavra que anda na boca de todas as meninas da sociedade escolhida. Esta palavra “casar” tem um som que fere o coração inocente e afeia os lábios virgens que a pronunciam. Não me chame visionária... O senhor Tovar quer fazer sua esposa minha afilhada?

ALFREDO

Se houvesse de responder negativamente, creio que não estaria a esta hora na presença de vossa excelência.

D. EMÍLIA

Que impede a pronta realização dessa vontade?

ALFREDO

Até ontem a vontade de meu pai, hoje a de vossa excelência. Quando me encaminhava para esta sala, vinha pedir o seu consentimento.

D. EMÍLIA (*erguendo-se e estendo-lhe a mão*)

Tem-no. (*Vai à porta, chamando*) Brás... (*ao criado*) chama aqui a senhora D. Luísa. (*O criado sai*) Eu hei de ir daqui agradecer ao Senhor o primeiro momento de felicidade que me está dando em minha vida.

ALFREDO

E eu pedir-lhe-ei que me dê a felicidade de reproduzir esses momentos com quanto amor e respeito se pode ter a uma segunda mãe.

#### CENA XIV

*Os mesmos e Luísa.*

D. EMÍLIA (*tomando-lhe a mão*)

Apresento-te teu esposo, Luísa. (*Luísa baixa os olhos*) o coração não te manda agradecer, filha? (*Luísa abraça a madrinha escondendo-lhe a face no seio. Tovar, curvando um joelho, beija a mão de D. Emília, que o ergue*) A gente nas grandes amarguras tem a expressão do gemido; para as grandes alegrias não há nenhuma! Luísa, reparte do teu coração uma migalha desse prazer, que tão poucas mulheres sentem puro de temores e de remorsos. Eu não o experimentei, e tinha uma alma tão digna de o sentir... (*Chora*)

ALFREDO

Minha boa amiga...

LUÍSA

Por que chora, minha madrinha? Eu não a deixo...

D. EMÍLIA (*concentrada*)

Entre a saudade e o remorso há uma paixão que rasga... Ora aqui está o que é a felicidade nesta vida... mistura de risos e prantos. A tua... não é assim, Luísa. Dou-te a um anjo, a um homem que não entendeu o mundo, e fugiu para nós, que também o não entendíamos... Pareces-me oprimida, filha! Queres-te sozinha agora? Isso é tão natural... Vai colher dois ramalhete de flores, e desta vez não tragas cipreste no meu, não?...

*(Luísa, envergonhada, sorri e sai)*

## CENA XV

*D. Emília e Alfredo.*

D. EMÍLIA

Não o deixo ir com ela, porque vão dizer puerilidades... *(Sorrindo)*  
Sente-se ao pé de mim; vamos conversar. Falemos da sua família. Seu pai já Jorge me disse que era o senhor Bernardo Tovar.

ALFREDO

Não, minha senhora. Tovar, é apelido de minha mãe; adotei-o, porque me era tão cara a santa senhora, que, desde criança, me assinei com o apelido dela.

D. EMÍLIA

Já me disse que morrera há pouco tempo...

ALFREDO

Há quinze meses.

D. EMÍLIA

Foi muito querida de seu pai?

ALFREDO

Penso que não, minha senhora... Sofreu muito. Os anos de casada foram tormentosos. Disse-me, uma vez, que estava no mundo,

expiando um tremendo crime. Não ousei devassar o santuário desse terrível segredo; mas meu pai sabia-o.

D. EMÍLIA

Pobre senhora! talvez morresse imaculada para entrar no céu.

ALFREDO

Se este mundo é purgatório...

D. EMÍLIA

E seu pai não minorava o suplício dessa expiação?

ALFREDO

Meu pai era talvez... o seu verdugo. Há pouco tempo que uma velha criada me disse que meu pai fora obrigado a casar com minha mãe.

D. EMÍLIA

Casamentos forçados é santificar com um sacramento a luta de vítima e algoz. Antes a morte no desamparo, que o martírio a portas fechadas. E como se chama seu pai?

ALFREDO

Bernardo de Mascarenhas.

D. EMÍLIA (*erguendo-se impetuosamente*)

Como?!

ALFREDO (*o mesmo*)

Que é, minha senhora?! (*D. Emília, silenciosa, fixa-o penetrantemente*)  
Vossa excelência não me diz que impressão foi essa?

D. EMÍLIA (*sentando-se*)

Pelo amor de Deus, silêncio, senhor! Eu sinto uma agonia que me não deixa sair daqui!

ALFREDO

Que tem vossa excelência! Por quem é, senhora D. Emília diga-me se eu sou causa dessa comoção!

(D. Emília acena negativamente)

## CENA XVI

*Os mesmos e Luísa.*

LUÍSA (*com os ramalhetes*)

Aqui estão, madrinha! (*Surpreendida*) Jesus! ela que tem?

ALFREDO

Um ataque repentino.

LUÍSA

Virgem Santíssima, valei-me! Minha madrinha, fale-me, por piedade!

D. EMÍLIA (*beijando-a*)

Sai desta sala, minha filha. Espera-me no teu quarto. (*Luísa não vai*)  
Não me desobedeças... vai...

(*Luísa sai*)

## CENA XVII

*D. Emília e Alfredo.*

D. EMÍLIA (*erguendo-se*)

Senhor Tovar!... acabou tudo entre nós.

ALFREDO

Que diz, minha senhora?!

D. EMÍLIA (*com resolução*)

Não lhe dou minha afilhada.

ALFREDO

Isso é impossível? Que mal lhe fiz eu? A história de meu pai é causa para tamanho desprezo?! Hei de eu ser marido como ele foi?!

D. EMÍLIA

Senhor Tovar, seja honrado como tem sido... Esqueça minha afilhada... Diga o adeus último a esta casa.

ALFREDO

Por piedade, senhora, que me mata!

D. EMÍLIA

Morreremos todos, senhor Tovar, e eu serei a primeira. (*Ouve-se um grito de Luísa*) A desgraçada ouviu tudo! (*Vai socorrê-la. Luísa entra espavorida, e corre a Alfredo, que se dirige a ela. D. Emília coloca-se entre ambos, afastando-os*)

## ATO II

*Sala mobiliada com magnificência.*

### CENA I

*Bernardo de Mascarenhas, passeando com sinais de aflição; médico, saindo dum porta lateral.*

MASCARENHAS

Como está meu filho, doutor? Esperava-o para lho perguntar.

MÉDICO

Está a dormir, e bom será que se prolongue este sono restaurador. Eu volto logo, senhor Mascarenhas.

MASCARENHAS

Receia, doutor?

MÉDICO

Eu receio sempre; e, quando a enfermidade está no espírito, receio mais da importância da medicina.

MASCARENHAS

Não dúvida que ele sofre por uma causa moral?

MÉDICO

Não posso achar outro diagnóstico.

MASCARENHAS

Vou sondar meu filho.

MÉDICO

Devê-lo-ia ter feito, senhor Mascarenhas. Eu tentei-o já, e ele atalhou-me, logo no começo, definindo a sua morte como bálsamo único de uma chaga incurável. Instei delicadamente por explicações: não me respondeu. Vossa excelência conseguirá o que eu não consegui. Faça-o como pai, e eu auxiliá-lo-ei como amigo: como médico receio não tirar proveito. Até logo. Eu demoro-me pouco. (*Sai*)

MASCARENHAS

O menos tempo que possa, doutor.

## CENA II

*Bernardo de Mascarenhas e O Conselheiro Nóbrega.*

MASCARENHAS

Eu não queria tanta pontualidade, meu caro conselheiro! A minha carta decerto alterou o teu velho costume de dormir até ao meio dia.

CONSELHEIRO

São quinze dias de dor de cabeça, meu caro Mascarenhas; mas quem te deu o coração há vinte anos, também te dá a cabeça agora, sendo

necessário. Então que temos? A tua carta pareceu-me escrita com pressa e aflição. Senta-te aqui. (*No sofá*) É verdade, como vai teu filho?

MASCARENHAS

Mal, abatidíssimo, e... desconfio... Morre, talvez... e o mais certo... Faltava-me este golpe...

CONSELHEIRO

Não morre, não. Ali anda amor dos dezenove anos. Tu, na idade dele, tiveste muitas daquelas crises. Não te lembras de Évora Cidade?

MASCARENHAS

Apontaste já o motivo por que te chamei. Recorda-te: era eu cadete, e amei aquela mulher...

CONSELHEIRO

Aquela! é preciso saber qual das três: tu amavas, ao mesmo tempo, a flor de Évora, uma menina da família dos Sás. Amavas uma peregrina formosura de Beja, onde estiveste destacado. E amavas, em Lisboa, uma terceira com quem casaste.

MASCARENHAS

Trata-se da primeira. Sabes bem a história de Amália de Sá?

CONSELHEIRO

Soube até ao momento em que saímos ambos de Évora: tu preso para casares com a menina de Lisboa que seduziras; eu para Inglaterra emigrado, onde nunca tive novas tuas, nem dela. Em 1833 achei-te transfigurado. Ouvias com repugnância as recordações da nossa mocidade, e nunca me falaste de Amália, nem me apresentaste a tua mulher. Respeitei o melindre da reserva, e nunca te falei de amores.

MASCARENHAS

Não era reserva, meu amigo: era o tédio de mim próprio; era o receio de assanhar com recordações as víboras que trazia no coração. Sabes que fui violentado a casar-me. O pai dessa mulher, que foi, ao mesmo tempo, meu algoz e minha vítima, era um homem necessário ao governo. Apesar dos meus grandes haveres e proteções, se não caso com Henriqueta Tovar, era degredado ou talvez envenenado no Limoeiro. Eu disse sempre que Henriqueta seria desgraçada, mais desgraçada que eu. Sacrificaram-na, fizeram-na instrumento de vingança... e viveu dezoito anos de amarguras. Passavam-se meses que a não via; e, durante dezoito anos, não foi minha esposa, foi uma mulher aborrecida que vivia debaixo das mesmas telhas... Não me repreendas em tua alma, porque o meu coração estava cheio do amor de Amália. Noite e dia, diante de meus olhos, estava sempre o lúgubre espetáculo de uma mulher lacrimosa com uma criancinha ao seio. Eu desviava a atenção para o bulício da vida e da riqueza, e via-a sempre, sempre aquela criatura tão santa aos meus olhos, e tão infamada aos da sociedade. Escrevi a um amigo, pedindo-lhe novas de Amália; respondeu-me que era público em Évora o nosso amor; e que, depois da minha ausência, Amália se retirara para uma quinta com uma criada; e, depois do meu casamento, fora para o Ultramar, chamada por um tio, governador duma possessão. Ignorava-se felizmente que Amália era mãe. Dois anos depois, há um magistrado de Luanda que me diz ter falecido o tio de Amália, e ela, sua herdeira, voltara a Portugal. Fiz, com quanto melindre pude, novas indagações, que chegaram ao conhecimento de Amália. Um dia recebo uma carta com estas palavras: “Esqueça-se de mim por piedade. As suas indagações são um novo ultraje. Infamou-me: não reviva a infâmia, associando o meu nome ao seu”. Isto foi um punhal que me abriu no coração a entrada para a consciência dos meus deveres. Há quinze anos que não proferi o nome de Amália, pensando nela sempre. Achei-me em contato com pessoas de Évora, que podiam informar-me: nunca aventurei uma pergunta. Se ela vinha aos lábios, forçava-a a retroceder ao coração como um trago de fel! Tem sido um suplício atroz! Estou viúvo há quinze meses. Deixei passar um ano para desafogar esta ânsia. Quero saber onde está Amália, quero pedir-lhe perdão, quero verter algumas lágrimas

sobre os seus cabelos brancos, ou sobre a sua sepultura... Meu caro Nóbrega, tu sabes tudo, podes tudo saber em poucos dias, procura-me Amália como procurarias a felicidade do teu velho amigo: ajuda-me a desencravar este espinho de remorso.

CONSELHEIRO (*risonho*)

Ora digam lá que um corpo de quarenta anos é o ataúde de um coração morto!... Que brilho apaixonado ainda tens nesses olhos! Ora vamos... mãos à obra. Peço oito dias de paciência, e prometo, dia por dia, avisar-te dos pormenores desta sindicância. Não perco um minuto (*erguendo-se*) Esperança, meu Mascarenhas. A Providência há de auxiliar as minhas pesquisas. Adeus. (*Repartindo em Jorge, que vem entrando*) Quem é este peralta?

MASCARENHAS

Deve ser relação de meu filho.

CONSELHEIRO

Adeus, Mascarenhas. Nada de prevenções fúnebres. O pequeno há de melhorar. (*Sai*)

### CENA III

*Bernardo de Mascarenhas, e Jorge de Sá.*

MASCARENHAS

Naturalmente procura meu filho.

JORGE

Exatamente, e aproveito a ocasião para cumprimentar vossa excelência a quem felicito por ser pai de um moço com tão excelentes qualidades.

MASCARENHAS

Muito grato, senhor... não tenho ainda o prazer...

JORGE

Jorge de Sá.

MASCARENHAS

Muita satisfação em conhecer o senhor Jorge de Sá. Eu vou ver se meu filho está acordado. (*Sai*)

#### CENA IV

*Jorge de Sá, e depois o médico.*

JORGE

É um ricaço bem amável este homem que se chama Bernardo! Estes capitalistas que se chamam Bernardos, dizem, mas não fazem “bernardices”. Este homem, se tivesse uma filha, era um ente adorável! Merecia a pena fazer uma tentativa de prosperidade... (*Ao médico, que entra*) Por aqui, amável doutor?

MÉDICO

Oh! que grande traquina! Veio hoje de Benfica?

JORGE

Neste instante, meu caro Paracelso!

MÉDICO

Como passou sua tia a noite?

JORGE

Creio que andou a pé, com um candeeiro em punho à laia de fantasma. O doutor, minha tia será sonâmbula?!

CRIADO (*ao reposteiro*)

O senhor Alfredo está-se levantando, e pede o favor de o esperarem um instante. (*Sai*)

JORGE

Que lhe parece, meu amigo, aquele incômodo de minha tia é sério?

MÉDICO

O senhor é que não parece sério na pergunta. Sua tia tem um aneurisma, agravado por padecimentos morais em que o senhor deve ter um grande quinhão de influência.

JORGE

Ora essa!... Eu sou o anjo bom daquela casa. Incomodo tão pouco minha, tia, que se passam três dias que a não vejo.

MÉDICO

Oh! essa indiferença é muito amável! Está plenamente justificado o senhor Jorge...

JORGE

Pois não acha?! E aquela pequena, afilhada de minha tia, que tem?

MÉDICO

Não sei.

JORGE

Aquilo é paixão, não lhe parece?

MÉDICO (*irônico*)

Será... talvez paixão... por vossa senhoria.

JORGE

Nada, não é por mim. Deixe estar que eu hei de contar-lhe um segredo com que o meu amigo pode acreditar muito a sua medicina.

MÉDICO

Agradecido, e vamos emparceirados. Olhe se me faz um doutor sangrado, que eu depois faço-o ao senhor o meu Gil-Brás.

## CENA V

*Os mesmos, e Alfredo de Tovar.*

ALFREDO (*quebrantado e lívido, proferindo a custo as palavras*)  
Senhor doutor, bom dia. Desejava ver-te, Jorge.

JORGE

Procurei-te já três vezes, e o guarda-portão disse que não recebias. Suspeitei da veracidade da defesa, lembrando-me se seria só para mim...

ALFREDO (*risonho*)

Das duas uma: és simples, ou mau.

MÉDICO

O senhor Jorge... simples! Isso é o mesmo que injuriá-lo! O senhor Jorge não quer passar por isso.

JORGE

Como te dás com este doutor? Já te adivinhou a moléstia? Se as receitas forem como os epigramas... Diz-me cá: porque não vais convalescer a Benfica?

ALFREDO (*a meia voz*)

Ignora tudo...

JORGE

O doutor é o médico de minha tia e de Luísa; são dois doentes. Tu vais também, três. Eu arranjo uns tubérculos provisórios, quatro... fazemos daquela casa um hospital de doentes românticos. Valeu!

ALFREDO

Quem me dera o teu bom humor, Jorge... (*Ao médico*) Então, a senhora D. Emília está de cama?

MÉDICO

De cama, não: aquela senhora há de morrer a pé... tem um aneurisma. (*A Jorge*) O senhor não tenha a imprudência de lho dizer...

JORGE

O doutor, eu terei aneurisma? Sabe você que eu, quando tenho dinheiro, dou duzentas e setenta e cinco pulsações por minuto! Ora apalpe... (*Dando-lhe o pulso*) Se eu der uma pulsação agora, corto as orelhas.

MÉDICO

O que o senhor tem é um princípio de encefalite. A sua cabeça tem grandes lesões.

JORGE

Olhe que eu sei de cor o meu Molière, doutor...

MÉDICO (*a Alfredo*)

Vamos ca... deixe ver este pulso. Houve novo vômito de sangue?

ALFREDO

Durante a noite, duas vezes. (*Cai numa profunda concentração*)

JORGE

Queres tu ir para Benfica? Eu tenho aí o meu gig. Venha também, doutor, que eu vou na almofada.

MÉDICO

O senhor Alfredo não pode sair sem grande recato; todavia, se o espírito lhe aceita o passeio como divertimento... Que diz, senhor Tovar?

ALFREDO

Como? Não ouvi bem...

JORGE

Se queres ir a Benfica.

ALFREDO (*estremecendo*)

Não.

JORGE

Doutor, eu sou íntimo amigo de Alfredo, e vou fazer, por isso mesmo, uma revelação de que depende a sua pronta melhora.

MÉDICO

E eu desejo-a.

ALFREDO

Jorge! discrição!

JORGE

Está bem... não te impacientes: eu não digo nada.

MÉDICO

Senhor Alfredo, o que este senhor sabe posso eu sabê-lo... Consinta que ele me anime, fazendo essa revelação, a falar-lhe como amigo, pois que até aqui só tenho podido operar como médico.

ALFREDO

Jorge nada sabe.

JORGE

Pois eu nada sei?! O Alfredo, eu não sei nada?!

ALFREDO

Não.

JORGE

Sei tudo.

ALFREDO

Diz o que sabes.

JORGE

Alfredo ama a afilhada de minha tia, quer casar com ela, mas o pai nega-lhe consentimento. Aqui está o mistério em quatro palavras, e

agradeçam-me o laconismo, porque hoje não há mistério que não tenha três volumes, pelo menos.

ALFREDO (*ao médico*)

Meu amigo, Jorge foi verdadeiro e falso. Amo essa menina, quis casar com ela; o mais é falso: meu pai ignora tudo.

JORGE

Então com se explica a tua ausência daquela casa, a doença de minha tia, a doença de Luísa, e a tua doença? Este hospital de sangue e lágrimas, o que é?

ALFREDO

Poupem-me a explicações. (*Ao doutor*) Sinto um mal-estar indefinível, um esvaecimento que me anseia. (*Recosta-se no sofá*)

MÉDICO (*apalpando-lhe a testa*)

Está suando copiosamente... é um vágado. Senhor Alfredo!

JORGE

Está sem sentidos? (*À parte*) romântico!

MÉDICO

Está. Venha cá. (*Afastam-se*) O senhor tem a certeza do que disse?

JORGE

Ora, se tenho! Não o contrariei para o não mortificar; mas a verdade é esta. Alfredo ama Luísa furiosamente isto é um evangelho. Para um rapaz honrado são fatais os dois bicos do dilema do amor. Quer casar, e não tem meios. Minha tia naturalmente não dá nada à afilhada, porque é uma grande sovina, e o pai não lhe dá nada a ele. Agora, doutor, com esta noção sintomatológica (*que palavra tamanha!*) está na sua mão curá-lo. Faça com que este Bernardo lhe dê uns trinta contos para começo da vida, e verá que se acredita como médico espiritual, porque tem a habilidade de curar três pessoas ao mesmo tempo, a saber: ele, Luísa, e minha tia.

MÉDICO (*enfadado*)

O senhor é um trapalhão! Adeus, meu amigo! Está sempre falando em estilo de dom Bibas, e o assunto é grave de mais para jogralidades.

JORGE

Fique no que lhe parecer, doutor. Vou-me embora.

## CENA VI

*Os mesmos, e um criado.*

CRIADO

Aqui está o senhor Jorge de Sá?

JORGE

Sou eu.

CRIADO

Tem a bondade de descer ao pátio?

JORGE

Que é?

CRIADO

Faz favor de se não demorar.

*(Jorge sai)*

MÉDICO (*ao criado*)

Venha cá: o que é isso lá no pátio?

CRIADO

Entraram dois oficiais de diligências, e perguntaram pelo senhor Jorge de Sá para o fazerem depositário do carro e do cavalo que lhe penhoraram na rua.

## CENA VII

*Os mesmos, e depois Jorge.*

MÉDICO

Está bom; pode ir. (*O criado sai*) Bem diz D. Emília, que este homem é o seu flagelo... Senhor Alfredo!

ALFREDO

Estou melhor... passou-me a agonia. Ouvi tudo o que aí se disse doutor. Olhe que Jorge mentiu segunda vez... Que coisa é essa de uma penhora?

MÉDICO

Rapaziadas... Penhoraram o carro de Jorge...

ALFREDO

Meu amigo, vá remediar de qualquer maneira esse vexame, antes que meu pai dê fé...

JORGE (*ao médico, não reparando em Alfredo*)

O doutor, o senhor tem aí doze libras que me empreste até logo, para me livrar da desfeita dum canalha? Eu escuso de ir ao pátio, que já sei o que é... Empresta-me doze libras?

MÉDICO

Aqui, não senhor; mas, se se demora, chego a minha casa buscá-las.

ALFREDO

O senhor doutor, queira entrar no meu quarto, e trazer esse dinheiro do que lá há de estar nas gavetas do toucador.

(*O médico sai*)

## CENA VIII

*Jorge e Alfredo.*

ALFREDO

Não digas a Luísa que me viste neste estado.

JORGE

Palavra de cavalheiro, não digo... Por que não casas tu contra a vontade de todo o mundo, e não levantas a tua legítima materna?!

ALFREDO (*com dócil paciência*)

Cala-te, que me torturas!...

## CENA IX

*Os mesmos, e o médico.*

MÉDICO

Aqui estão as doze libras.

JORGE (*aceitando com sofreguidão*)

Lança em nossas contas, Alfredo... e até logo. (*Sai*)

ALFREDO (*sorrindo*)

Em nossas contas !... E um desgraçado com exterior bem feliz este rapaz!

MÉDICO

Dá cabo da casa da tia, e d'a dele.

ALFREDO (*erguendo-se*)

E da sua honra, que é o pior... Queria-me deitar, meu amigo.

MÉDICO

Seu pai disse-me agora que desejava falar-lhe, logo que estivesse só. Não pode?

ALFREDO

Posso... faço um esforço.

MÉDICO

Eu retiro-me, e virei depois. Cedo o lugar a outro médico de que espero a sua cura.

ALFREDO (*sorrindo tristemente*)

Sim?... a minha cura... (*Senta-se. O médico sai*)

## CENA X

*Alfredo e depois Bernardo de Mascarenhas.*

ALFREDO

Meu pai vem lembrar-me a obrigação de lhe contar a minha vida.  
(*Erguendo-se, vendo entrar o pai*)

MASCARENHAS

Senta-te, Alfredo. O mesmo estado, sim? (*Palpando-lhes as mãos*)

ALFREDO

Pouco alívio sinto.

MASCARENHAS

Que há na tua vida, Alfredo? Quero ver o teu coração... peço, como amigo, e exijo como pai. Diz-me que sofrimento moral é o teu. Se me respondes com evasivas, desconheço em ti o meu filho sincero e franco sempre comigo.

ALFREDO

Sempre, até morrer, meu pai. É filho que responde ao amigo... Amo há três meses uma órfã pobre, afilhada de uma senhora a quem fui apresentado. Não tinha amado nunca. Foi uma adoração a minha, cheia de tormentos, porque me estava sempre aterrando o receio de perdê-la. Eu sabia que havia de morrer... perdendo-a.

MASCARENHAS

E perdeste-a? morreu?

ALFREDO

Antes morresse... estava, esta hora, esperando-me noutra vida melhor...

MASCARENHAS

Traiu-te?

ALFREDO

Não, meu pai... primeiro seria eu capaz de traiçoá-la, amando-a tanto... Não me traiu... Perdoa o que eu vou dizer-lhe?

MASCARENHAS

Perdo, filho, diz tudo.

ALFREDO

Eu não supliquei o consentimento de meu pai para pedir Luísa a sua madrinha. Foi instantânea esta resolução. Tencionava vir de lá ajoelhar-me a seus pés, e dizer-lhe: não lhe peço um ceitel: suplico a sua bênção para ela.

MASCARENHAS

E pediste-a?

ALFREDO

Pedi: enchi de júbilo o coração da excelente madrinha, chorávamos todos três de felicidade...

MASCARENHAS

E depois?...

ALFREDO

Falei da minha família... (*Muito aflito*) Não posso continuar, meu pai...

MASCARENHAS

Alfredo, não consinto o teu silêncio, ainda que seja um crime.

ALFREDO

Crime não, é uma culpa.

MASCARENHAS

Fala, Alfredo.

ALFREDO

Falei de minha mãe com muita saudade e dó: disse que ela fora uma mártir... e proferi o nome de meu pai com doloroso azedume. (*Vai lançar-se-lhe de joelhos e o pai levanta-o*) E mal proferi o seu nome... a madrinha de Luísa... exclamou: “Está tudo acabado entre nós: não lhe dou minha afilhada; seja honrado não voltando mais a esta casa... “ E eu saí com o frio da morte no coração... para esta longa agonia... Disse tudo, meu pai.

MASCARENHAS

Quem é essa senhora?

ALFREDO

A madrinha de Luísa é D. Emília.

MASCARENHAS

Onde vive?

ALFREDO

Em Benfica.

MASCARENHAS

Sabes se essa senhora foi relação de tua mãe?

ALFREDO

Creio que não... decerto não foi.

MASCARENHAS

Supões que o seres filho de um homem, cuja mulher... viveu desgostosa, é a causa dessa retratação?

ALFREDO

Não posso imaginar outra.

MASCARENHAS

Alfredo, eu quero ver essa senhora. Teu pai vai justificar-se diante de uma mulher que nunca viu. Quero provar-lhe que não é herança de família, nesta casa, o martírio das mulheres. Essa menina será tua esposa, ou eu provarei que D. Emília está demente.

ALFREDO

Meu pai! (*Abraçando-o*) Não a faça sofrer...

MASCARENHAS

Irás amanhã comigo a Benfica, e ficarás na sege enquanto não puderes transpor com honra o limiar dessa casa.

## CENA XI

*Criado e os mesmos.*

CRIADO

Uma carta para o senhor Alfredo. (*Sai*)

ALFREDO

É de Luísa. (*Grande sobressalto, treme para abri-la e não pode*) Veja, meu pai.

MASCARENHAS (*lendo*)

“Alfredo, diz-me que vives. Meu querido irmão, não me expulses de tua alma até que eu morra. Se fores adiante de mim, abençoa os meus paroxismos. Minha madrinha diz que morre, e que me há de dizer a causa da nossa desgraça à hora da morte. Qual será, meu Deus?!... Não posso mais. A febre tira-me a vista... Deus me leve depressa...” Eu respondo a esta carta, Alfredo.

ALFREDO

De que modo, meu pai?

MASCARENHAS

Três palavras: esperança, minha filha, e assinarei o meu nome.

## CENA XII

*Um criado, os mesmos, e depois o Conselheiro.*

CRIADO

O senhor conselheiro Nóbrega.

MASCARENHAS (*alvorçado*)

Que entre. (*Para Alfredo*) Precisas repouso, filho, vai ao teu quarto.

CONSELHEIRO

Olé! o nosso Alfredo está melhor! Isto já é ar de vida!

ALFREDO (*apertando-lhe a mão de passagem para o quarto*)

Creio que sim, senhor conselheiro... (*Sai*)

## CENA XIII

*Mascarenhas e o Conselheiro.*

MASCARENHAS

Que volta tão rápida é esta?!

CONSELHEIRO

Eu não te disse que a Providência nos auxiliaria?

MASCARENHAS (*com veemência*)

Que é? encontraste?!

CONSELHEIRO

Estou no caminho... Creio que encontrei.

MASCARENHAS

Aonde?

CONSELHEIRO

Numa aldeia vizinha de Lisboa.

MASCARENHAS

Está solteira?

CONSELHEIRO

Está solteira.

MASCARENHAS

Aonde? aonde? Ó Providência!

CONSELHEIRO

Devagar, Mascarenhas. O agente principal sou eu. Antes que a vejas, hei de eu vê-la. Quero preveni-la, para que a não mates com a surpresa. E muito possível... Amanhã sou eu o que vou. Depois iremos ambos.

MASCARENHAS

Tens a certeza de que é ela?! Diz, meu amigo... a certeza?

CONSELHEIRO

A certeza. A cem passos da tua porta encontrei o próprio irmão dela: dele soube tudo.

MASCARENHAS (*com solenidade*)

Meu amigo!... antes que a felicidade me mate, deixa-me agradecerê-la a Deus. (*Ergue as mãos*)

### ATO III

*Uma saleta com alcovas laterais, e porta ao fundo.*

## CENA I

LUÍSA (*chamando a uma porta do lado, a meia voz*)

Minha madrinha, minha madrinha!... Parece que dorme. Nossa Senhora queira... Minha madrinha! (*Afasta-se*) Tudo me aterra! Estou sempre a recear que o sono seja o último... (*Torna a escutar à porta que abre subtilmente*) Respira alto... este dormir há de fazer-lhe bem. (*Tirando uma carta dentre as páginas de um livro*) Queria mostrar-lhe esta carta. Tenho chorado tanto sobre estas letras... (*Lê*) “Esperança minha filha — Bernardo de Mascarenhas”. É o pai dele... Pois se Alfredo está tão doente que não pode escrever-me... que esperança é esta que me prometem!... Será a do céu!... Deus ma realize depressa. (*Ouvindo passos, esconde o bilhete*)

## CENA II

*Luísa e Jorge de Sá.*

LUÍSA (*com o dedo no nariz*)

Sio! sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

JORGE (*pé ante pé*)

Eu falo baixinho... Não sabe? Estive com Alfredo.

LUÍSA (*com vivacidade*)

Ai! esteve? Senhor Jorge, esteve?

JORGE (*comicamente*)

Sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

LUÍSA

Ele como está?

JORGE

Doente; mas não é nada. Eu receitei-lhe, e o rapaz, se o facultativo assistente seguir o meu método, está curado.

LUÍSA

Receitou-lhe?!...

JORGE

Sim, Luisinha. Declarei onde estava a enfermidade, e a maneira de a debelar.

LUÍSA

Então?! onde é que está?

JORGE

Olhe, menina: eu sei tudo, e, por saber tudo, disse o que sabia, para salvá-los ambos. Creia que sou seu verdadeiro amigo. Alfredo quer casar consigo, e o pai dele não consente. É isto, ou não é?

LUÍSA

Não, senhor Jorge, não.

JORGE

Agora vejo que me julgam ambos um grande lorpa! Então que é?!

LUÍSA

Não sei, não sei...

JORGE

Não sabe! ora essa!... Não me acha digno do segredo? Seja o que for... Que serviços quer a menina que eu lhe faça para se realizar o seu casamento?

LUÍSA

Valha-me Deus, senhor Jorge, não falemos em casamento, não?... Diga-me o que me queria, quando há pouco me disse que precisava muito falar-me.

JORGE (*com gravidade*)

Eu lhe digo, minha boa amiga: precisava contar com o seu excelente coração para lhe não ser importuno. Atenda-me, Luísa. Eu tenho sido um rapaz muito extravagante, tenho comprado muito caras as minhas loucuras, tenho desbaratado o meu e o alheio. Estes rapazes de Lisboa perderam-me, arruinaram-me, estou empenhado, e amanhã estarei desonrado, coberto de opróbrio, não acharei uma pessoa de bem que me aperte a mão. Isto é horrível, minha amiga, para um homem cavalheiro, brioso por sangue, sangue de velha raça portuguesa! Querem atar-me a um poste de ignomínia... Querem matar uma alma nobre!... Compreende o meu infortúnio, Luísa?

LUÍSA

O senhor Jorge tem desprezado os conselhos de sua boa tia...

JORGE

Era tarde para aproveitá-los. A minha honra estava já hipotecada por grandes quantias, quando minha boa tia me disse que eu ia, pelo caminho da desonra, direito ao abismo da perdição. Hoje quero reabilitar-me, e não tenho quem me proteja. Quero sacudir o jugo dos credores, e a cada dia me sinto mais curvado debaixo dele. Isto é atroz, infernalmente atroz. *(Com esgares melodramáticos arrepiando os cabelos)*

LUÍSA

Não se mortifique assim, senhor Jorge. De Deus virá o remédio. Fale com minha madrinha, que é um anjo: exponha-lhe as suas penas, e verá como ela se condói: diga-lhe tudo...

JORGE

Eu já não acho sensibilidade no coração da minha tia...

LUÍSA

Não diga isso, que é uma calúnia. Minha madrinha não repele na desgraça as pessoas estranhas, menos o fará a seu sobrinho.

JORGE

Não tenho coragem de pedir-lhe mais dinheiro... Preciso de uma quantia grande.

LUÍSA

Quer o senhor Jorge que eu lha peça? Eu lanço-me de joelhos aos pés dela, e digo-lhe o que diria para acudir a um meu irmão.

JORGE

Obrigado, Luísa: o seu coração é uma joia sem preço neste mundo; mas não aceito o seu favor, porque sei que minha tia não me dá o dinheiro que preciso para resgatar a minha honra. Temos um meio, um único meio, minha querida amiga, e esse depende todo da sua compaixão.

LUÍSA

Qual é, qual é?

JORGE

Faz-me um favor impagável, Luísa? Quer salvar-me? Promete fazer o que eu lhe pedir?

LUÍSA

Oxalá que eu possa!

JORGE

Olhe, minha amiga, eu estou para receber brevemente a legítima de minha mãe. Daqui a um mês estou rico; mas os meus créditos não podem sustentar-se até lá. De hoje até então preciso uma grande quantia, que pagarei impreterivelmente. Luísa, na sua mão está salvar-me. Minha tia tem um adereço de brilhantes, que nunca põe. Luísa sabe onde ele está. Empréstimo, eu obtenho sobre ele o dinheiro que preciso, e daqui a um mês restituo-lhe o adereço.

LUÍSA

Ó senhor Jorge!... eu não faço tal...

JORGE

Por quê?!

LUÍSA

Não sou capaz de tocar num alfinete de minha madrinha.

JORGE

Mas, Luísa, não vê que daqui a um mês estão as joias no mesmo lugar, sem a tia ter dado fé de se lhe tocar?!

LUÍSA

Não posso, não posso, faz-me tremer só a ideia de abrir as gavetas de minha madrinha!... Pelo amor de Deus não me peça semelhante coisa, senhor Jorge!

*(Vê-se D. Emília espreitando da porta da alcova)*

JORGE

Então... folga com a minha desonra? Quer que eu seja vexado? Entendo-a, minha prezadíssima amiga! Espera ser herdeira de sua madrinha, e receia ficar sem as joias... Eu farejei sempre de perto a sua velhacaria com capa de inocência... Está enganada... Hei de disputar-lhe a herança até à última rodilha desta casa! Hei de provar-lhe que na herança dum governador de Luanda não pode suceder... uma enjeitada... *(Sai)*

### CENA III

*Luísa e depois D. Emília.*

LUÍSA *(soluçando)*

Meu Deus! peço-Vos sempre a vida de minha madrinha; recebi agora as minhas orações com o merecimento desta nova dor! *(Ouve-se uma campainha. Luísa corre ao quarto de D. Emília, e encontra-a a sair. D. Emília encosta-se-lhe ao ombro)* Como se sente, minha madrinha?

D. EMÍLIA

Pareceu-me ouvir a voz de Jorge.

LUÍSA

Saiu agora daqui.

D. EMÍLIA (*irônica*)

Veio saber de mim, sim?

LUÍSA

Veio... sim... minha senhora...

D. EMÍLIA (*a meia voz, beijando-a*)

Que anjo! (*Alto*) Não o vi há três dias... (*Senta-se*) É um homem muito desgraçado, não é, Luísa?

LUÍSA

É, é, minha madrinha!...

D. EMÍLIA

Já não sei o que hei de fazer para o melhorar... Aquilo é destino. Ainda agora... tolera-se muito desatino a um rapaz de vinte e dois anos; mas o seu fim de vida... há de ser triste...

LUÍSA

Minha madrinha ainda podia valer-lhe...

D. EMÍLIA

Eu!? Dizes-me tu isso, Luísa?! Valer-lhe!... Como?

LUÍSA

Dê-lhe dinheiro para ele pagar as suas dívidas.

D. EMÍLIA

E se as dívidas de Jorge absorvessem tudo o que eu tenho?

LUÍSA

Não será tudo... pouco que nos fique bastará para nos sustentarmos. Se não chegar, eu trabalharei; e, com o meu trabalho, irei pagando à minha madrinha o desvelo com que me fez ensinar tantas prendas.

D. EMÍLIA

E que farias tu, depois da minha morte, se ficasses pobre?

LUÍSA

Não me fale na sua morte... não?...

D. EMÍLIA

Oh! a mãe que puder apertar ao seio uma filha assim, ajoelhe e diga ao Senhor que o coração dessa filha está perdido neste mundo... Eu quero falar a Jorge... Vai, filha, e diz a um criado que o avise de que eu o estou esperando.

LUÍSA

Consegui a sua proteção ao senhor Jorge? Diga-me que sim, madrinha, diga!...

D. EMÍLIA

Vai... vai, Luísa.

*(Luísa sai)*

#### CENA IV

D. EMÍLIA

Eu tenho sido uma vil mulher!... Deus deu-me este tesouro, e eu escondi-o. É ela a que me enche o coração de nobre orgulho, e eu... reneguei-lhe o nome. Filha do crime... e dotada de tantas virtudes!... Escondi esta minha riqueza aos olhos da sociedade, mascarei-a com um título falso em respeito ao mundo, e o mundo que me dá por este sacrifício.... Sou duas vezes desonrada aos meus próprios olhos!... Se não soube ser virtuosa... devia saber ser mãe. *(Soluça, escondendo o rosto)*

## CENA V

*D. Emília e Jorge.*

JORGE

Chamou-me, minha tia?

D. EMÍLIA

Chamei-o para implorar a sua misericórdia.

JORGE

Como, minha tia?

D. EMÍLIA

A vítima pede alguns dias de tréguas. Deixe-me morrer tranquilamente... retire-se desta casa, vilão!

JORGE

Vilão! eu sou homem a que se se chame vilão! Explique-se... Que crimes fiz eu?

D. EMÍLIA

O senhor não fez crimes, no crime há muitas vezes um ar de nobreza... O senhor o que tem são infâmias.

JORGE

Compreendo... Sei onde se esconde a víbora. Poderei ter infâmias; mas por mais infâmias que tenha, falta-me uma: não fui enfeitado, nem sou um miserável que mão piedosa ergueu da lama. Hei de pagar a todos o insulto com usura. É a dívida mais sagrada que tenho.

D. EMÍLIA (*de pé, convulsiva*)

Eu sou uma mulher, senhor!... Grito por socorro, se se demora um instante. É o opróbrio da minha família. Principiou pelo vício, e

acabou por sugerir o roubo! Quis corromper o coração dum anjo, que lhe há de um dia matar a fome com algumas migalhas de pão...

JORGE (*rindo*)

A mim?!... veremos... (*Sai*)

## CENA VI

*D. Emília, um criado, e depois o Prior de Benfica.*

CRIADO

O senhor prior espera as ordens de vossa excelência.

D. EMÍLIA (*prostrada*)

Que entre... Oh Santo Deus, que fim de vida o meu!

PRIOR

Em que sobressalto a encontro, minha senhora!...

D. EMÍLIA

Estou muito oprimida... O senhor é um justo; peça a Deus por mim, que vou deste mundo espedaçada fibra a fibra.

PRIOR

Vai, vai, minha querida senhora... E a bem-aventurança para quem é?! Agora, que está raiando para vossa excelência o sol do dia eterno, é cantar louvores ao Senhor. Benditas sejam as mágoas no fim da vida, que são as últimas flores onde se geram os frutos do céu. Ânimo, minha santa senhora!...

D. EMÍLIA

Escreveu, senhor padre Antônio?

PRIOR (*tirando do bolso da batina um rolo de papel*)

Sim, minha senhora; organizei os seus apontamentos; mas falta-me encher dois espaços, que vossa excelência deixou em claro.

D. EMÍLIA

Bem sei: queira ler esse artigo.

PRIOR (*lendo*)

“Instituo minha universal herdeira Luísa Amélia, minha afilhada, pelo muito que me merecem a sua amizade e serviços. (*Vê-se, ao fundo, Jorge espreitando*) Nomeio meu testamenteiro o excelentíssimo senhor...” Aqui está um espaço em branco.

D. EMÍLIA

Faz favor de encher. (*Ditando*) “Nomeio por meu testamenteiro o excelentíssimo senhor Bernardo de Mascarenhas, residente em Lisboa, na calçada do Marquês de Abrantes”. Queira ler o que se segue.

PRIOR

“E para merecer ao citado testamenteiro os seus bons ofícios e zelosos cuidados a favor da minha afilhada Luísa Amélia, peço e suplico ao excelentíssimo senhor Bernardo de Mascarenhas que preste toda a consideração e benevolência à minha última vontade, como se essa consideração e benevolência lhe fosse pedida pela mãe de Luísa Amélia, a qual, há dezoito anos, se chamava...” Aqui está outro espaço.

(*Jorge desaparece*)

D. EMÍLIA

Faz favor de encher: “que há dezoito anos se chamava Amália de Sá.” Senhor padre Antônio... isto aqui é um confessionário... chame um tabelião para encerrar esse testamento que deposito em suas mãos... Espere... (*Escutando*) Eu ouço a voz de meu irmão... Deixem-nos sós.

(*O prior sai*)

## CENA VII

*D. Emília de Sá e Francisco de Sá.*

FRANCISCO de Sá

Eu venho a chamar desde a porta da rua, e ninguém me fala. Como queres que te chame, Amália ou Emília? Será Emília, visto que te crismaste. Como tu estás acabada, mulher! Isso que é?

D. EMÍLIA

É a velhice.

FRANCISCO

Qual velhice! Tu tens trinta e nove anos, e eu quarenta e cinco. Como vai a tua afilhada? Eu não sei nada. O Jorge só me escreve quando quer dinheiro. Não sabes quem ontem me pediu novas tuas com muito interesse? O Nóbrega. Não te lembras dum rapazote que era juiz de fora, em Évora, em 1828? Um rapaz que suciava muito com o cadete Mascarenhas? Olha, olha, inda não podes ouvir este nome sem mudar de cor! Isso é que foi amor com raízes... Pois o conselheiro Nóbrega filou-me na calçada do Marquês de Abrantes, e fez-me dizer onde estavas, se eras solteira, casada, viúva... enfim, estou a ver que o homem te quer fazer a corte...

D. EMÍLIA

Fala tanto, e tão alto, mano!

FRANCISCO

Se te parece, há três anos que te não vejo!... E o rapaz como se porta!...

D. EMÍLIA

É por causa de seu filho que o mandei chamar. A sua existência nesta casa é impossível. Tenho esgotado todos os meios da prudência. Dantes era tratada com indiferença; agora sou insultada.

FRANCISCO

Insultada! Onde está esse patife!...

D. EMÍLIA

Não quero motim. Procure seu filho, e tire-o de minha casa sem desordem.

FRANCISCO

Está segura, mana, deixa-o comigo. Ele está em casa?

D. EMÍLIA

Não sei.

FRANCISCO

Eu vou procurá-lo. Por que me não avisaste há mais tempo? Ora isto, ora isto! (*Sai*)

### CENA VIII

*D. Emília, Luísa e depois o médico.*

LUÍSA (*com uma tigela, um guardanapo, e colher*)

Trago-lhe um caldinho, minha madrinha. Faz-me o sacrifício de o tomar? O senhor doutor vem aí.

D. EMÍLIA

Dá cá. (*Depondo-o na mesa*) Deixa arrefecer.

MÉDICO

Como estamos nós?... O pulso está muito fraco. (*Tomando a chávena*) Tome o caldo.

D. EMÍLIA

Está muito quente.

MÉDICO

Arrefece-se. (*Senta-se bascolejando o líquido com a colher, e reparando*)

LUÍSA

Não lhe parece que minha madrinha está melhor?

D. EMÍLIA

O doutor diz sempre que sim.

LUÍSA

Então?! não responde? (*O doutor ergue-se examinando mais atentamente o caldo*) Que está a ver? (*O doutor prova o caldo e repele-o da boca*)

MÉDICO

Este caldo ferveu em envasilha de cobre?

LUÍSA

Não, senhor! Que lembrança!

MÉDICO

Aqui... há veneno.

LUÍSA (*arrebata-lhe a chávena*)

Jesus!

D. EMÍLIA

Veneno!

MÉDICO (*serenamente*)

Veneno, sim; mas aquele já a não mata... A sua situação não obstante é horrível, minha senhora. Isto é muito grave... Tem suspeitas?...

D. EMÍLIA

Tenho. (*A Luísa*) Onde está Jorge?

LUÍSA

Oh meu Deus!

D. EMÍLIA.

Fala, Luísa... onde viste Jorge? Debaixo de juramento to exijo!

LUÍSA (*com relutância*)

Vi-o, há bocadinho, acendendo um charuto ao fogão.

D. EMÍLIA (*sorrindo*)

Vê, doutor? É meu sobrinho que me envenena... Que situação! deixe-me sorrir... o extremo da desgraça tem esta expressão.

MÉDICO

Remédio pronto, senhora D. Emília!

### CENA IX

*Os mesmos e criado.*

CRIADO

Apeou-se um cavalheiro duma sege, e pede a vossa excelência o favor de o receber.

D. EMÍLIA

Não conheces?

CRIADO

Não, minha senhora.

D. EMÍLIA

Que situação para visitas sem familiaridade!... Que entre.

MÉDICO (*a Luísa*)

Conduza-me à cozinha... (*Sai*)

### CENA X

*D. Emília e depois Bernardo de Mascarenhas.*

D. EMÍLIA

Reconheço a misericórdia divina na coragem que me dá! Quase que vi com indiferença a morte de tão perto!...

*(Bernardo dá alguns passos, e a distância para de repente, postos os olhos imóveis em D. Emília. Ela ergue-se de ímpeto, quer afastar dos olhos uma turvação e encosta-se convulsiva ao espaldar da cadeira)*

MASCARENHAS *(indo para ela um passo)*

És, Amália! és tu?... *(D. Emília faz-lhe um sinal impetuoso de suspensão)*  
Não posso! Foge-me, se és uma sombra! És tu, Amália? *(Cai de joelhos aos pés dela, que lhe foge para ir cair prostrada no sofá fronteiro. Mascarenhas ergue-se, e segue-a lentamente)* O infame que não teve coragem de matar-se desamparando-te, o penitente de dezenove anos, o primeiro desgraçado da terra... pede-te perdão. Amália! *(Ergue as mãos)* Há dez anos que os meus cabelos embranqueceram. Olha para mim, Amália. As lágrimas na face dum velho são respeitáveis. Não deixes cair sobre mim a sepultura sem me apagares, na alma, este inferno que vai continuar-se noutra vida, Amália! *(Ajoelha)* Amália! perdão! perdoa-me! Eu sei que devera ter morrido antes de me deixar prender ao cadáver doutra mulher. Eu fui um covarde, receando um degredo, um veneno, uma morte traiçoeira que devia aceitar em desconto das tuas lágrimas. Confesso a teus pés a minha baixa alma, para que tu ma eleves com o teu perdão, Amália; perdoa-me, anjo de sofrimento, que me hás de suavizar os meus últimos dias! Perdoa-me!

*(D. Emília ergue-se com ele, e, soluçando um agudo gemido, cai-lhe nos braços)*

D. EMÍLIA

Não podia esperar outra dor ao pé da morte. Foi a Providência que te encaminhou aqui. Eu devo abençoar a Providência, e... abençoar-te. Vai em paz, meu infeliz amigo. Não me contes as tuas desventuras, que eu já as ouvi da boca de um filho, que chorava sua mãe... sei-as, adivinho-as... Vai... vai...

MASCARENHAS

Não! Encontrar-te para perder-te de novo! Oh! então a nossa Providência seria um escárnio! Não, Amália! O abismo que nos

separa está vencido... Agora uma só vida e morte para nós ambos. Não me repulses, que repeles Deus que me trouxe aqui!

D. EMÍLIA

Vens assistir aos meus paroxismos... Olha que se morre assim... Vai, vai, por misericórdia... (*Senta-se, soluçando*)

MASCARENHAS (*após instantes de meditação*)

Dai-me um raio de luz, Senhor! (*Rápido*) Amália! tu tens uma filha!... (*Ela encara-o assustada*) A mulher que amava Alfredo é minha filha!... Responde, responde, que esta incerteza leva-me a uma demência.

D. EMÍLIA (*sufocada*)

MASCARENHAS

Mostra-ma, mostra-ma!

D. EMÍLIA

Vale-me, Mãe Santíssima!... Escuta-me...

MASCARENHAS

É esta a felicidade que mata!... Amália, deixa-me ver nossa filha!

D. EMÍLIA

Sim... eu chamo-a... Faz-me um juramento... Não lhe dirás que és seu pai... Aquele anjo condena-me pela ingratidão de lhe não chamar filha até este momento.

## CENA XI

*Os mesmos, Luísa e o médico.*

MÉDICO (*continuando a conversação com Luísa*)

Parece que o fim era o assassinio duma família inteira! (*Vendo Mascarenhas*) Oh! Vossa excelência aqui! o senhor Mascarenhas em Benfica!? (*Luísa chega-se alvoroçada para D. Emília: os olhos de Mascarenhas seguem-na, e assustam-na. O médico fixando-os todos*) Aqui

há uma situação excepcional! (*Mascarenhas aproxima-se vagamente de Luísa, e toma-lhe a mão*)

MASCARENHAS

Está admirada de sentir o tremor desta mão?... Será amor ou ódio?... Escute o que o coração lhe vai dizendo... Nada? nada?! (*Aflição em D. Emília*) Eu não lhe direi nada... (*A D. Emília*) Venha cá, Luísa. (*Leva-a aos braços da mãe*) Abrace-a, abrace-a... Não sente aí bater o coração de mãe? Crê que essas lágrimas possa chorá-las uma madrinha? E agora... fuja desses braços de ferro que a apertam, deixe-se apertar ao meu seio; (*acompanha com ação as palavras*) não ouve, não sente, (*arreatado*) não sentes, filha, minha filha, não sentes um coração de pai?

D. EMÍLIA (*muito atribulada*)

Jesus!

(*Luísa estupefata entre os dois*)

MASCARENHAS (*a Luísa*)

Então? Nem uma lágrima? Nem uma expansão de júbilo? Rejeitas aquela mãe? Não queres que o pai de Alfredo seja teu pai, e que o amado de tua alma seja teu irmão? (*Luísa, soltando um ai, corre a ajoelhar ao pé da mãe desfalecida*) Doutor! tire-me daquele letargo... minha mulher!

MÉDICO

Esperemos... isto passa... (*Tateando-lhe o pulso*)

MASCARENHAS

Meu amigo! auxilie-me... meu filho está ali fora numa sege; chame-o. (*O doutor sai. Mascarenhas toma a filha pela mão*) Luísa, quando tua mãe recuperar os sentidos, profere o meu nome, chama-me pai, e salvar-nos-ás a ambos... Amália, Amália!

D. EMÍLIA (*sacudindo os cabelos dos olhos*)

Quem me chama?

LUÍSA

É meu pai que a chama; é meu pai, minha querida mãe.

*(D. Emília ergue-se impetuosamente, e lança-se nos braços de Mascarenhas)*

## CENA XII

*Os mesmos, médico e Alfredo de Tovar.*

MASCARENHAS *(com Emília abraçada, e Luísa)*

Vem cá, Alfredo. O espetáculo é de prantos abençoados por Deus. Pasma, filho? Teu pai está sendo o homem mais feliz da terra... Queres também sê-lo? Queres um amor imenso, e infinito, que se continue no céu? É o amor de irmã. Vem cá: entrego-te este anjo para esse amor. Dou-te minha filha; é tua irmã; é filha desta mártir por quem viste sofrer um algoz desde que a razão te ensinou a ver a desgraça. Luísa é tua irmã, Alfredo. Abraça-a com efusão de todo o teu amor... e se a mãe dessa menina te merece um ósculo de filho...

ALFREDO *(correndo a beijar a mão de Emília)*

Minha mãe!

D. EMÍLIA *(abraçando-os a ambos)*

Meus filhos!... Agora... pode vir a morte!

## CENA XIII

*Os mesmos, Francisco de Sá e Jorge de Sá.*

FRANCISCO DE SÁ *(espantado)*

Eu conheço este cavalheiro!... *(A Mascarenhas)*

MASCARENHAS

Bernardo de Mascarenhas, antigo amigo do senhor Francisco de Sá, e amanhã o marido de sua irmã.

FRANCISCO

Sempre me pareceu que vinham a isto! Minha irmã acho que o namorava desde 1828! É bem certo o ditado do casamento e mortalha que no céu se talha. Pois, senhor, eu sinto muito vir interromper estas alegrias de noivos com uma cena feia e triste. Venha cá, Jorge! Ajoelhe aqui aos pés de sua tia. Já! (*impelindo-o*) quando não espedaço-o! Peça perdão, de modo que todos ouçam!

MASCARENHAS (*erguendo-o*)

Eu perdoo, em nome dela, quaisquer que sejam as culpas. A misericórdia do Senhor desceu hoje sobre todos nós.

ALFREDO

E é preciso que desça. Entre nós está um homem muito desgraçado, e é preciso que ele seja feliz. Jorge de Sá pode reabilitar-se com o dinheiro nesta sociedade, onde o dinheiro é o Jordão que lava todas as nódoas. Minha mãe e irmã não carecem dos bens que possuem para serem felizes.

MASCARENHAS

Eu renuncio os bens de minha mulher em favor de seu sobrinho. Dou-lhos com uma condição. Há de julgá-los sempre herança duma tia morta com veneno.

Vozes

Veneno!

D. EMÍLIA

Isto são palavras sem significação. Eu quis dizer que nunca mais aceitarei na minha presença esse homem.

## CENA ÚLTIMA

*Os mesmos um criado e o Conselheiro Nóbrega.*

CRIADO

O senhor conselheiro Nóbrega.

CONSELHEIRO (*entrando, com grande pasmo, a D. Emília*)

Eu vinha preveni-la, minha senhora... Mas... acho que já não é preciso... (*Rindo*)



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**